

FINADOS

A Mauricio de Lacerda

Os pescadores contam que, durante a noite, nos ermos do oceano, espantosas visões surgem das águas, e cenas surpreendentes se desenrolam a seus olhos.

JUVENAL GALENO: *Cenas populares*.

O SOL IRRADIAVA OIRO no verde do mar. Soprava rijo o terral. Curvavam-se, chiando, ramalhando, os coqueiros frondosos, altos, abrindo no espaço claro o plumacho verde e lindo. Na praia branca, rasa, sobre rudes, mal afeiçoados rolos, as jangadas descansavam, velas abertas, secando ao sol. Vistas de longe, de cima das dunas, semelhavam grandes aves marinhas, erradias, poisadas na costa deserta, as brancas asas estendidas à carícia tépida da luz.

Era dia santificado; ninguém ia à pesca.

No fundo prateado das dunas alisadas pelo vento forte, as casas do povoado do Mundaú destacavam-se como pequenas manchas pardas, esparsas na alvura imácula das areias. Entre tufos verdes, junto ao cemitério humilde, erguia-se a fachada branca da igrejinha, sem torres, o frontão simples, encimado pelos braços abertos hospitaleiros da cruz. Ao lado sob um tejadilho trepado ao alto de dois troncos de carnaúba, o sino quedava silencioso, a corda caída, arrastando levemente a ponta na areia, a desenhar os arabescos fantasiados pelos caprichos frívolos do vento. Em torno da igreja, encrepavam-se moitas verdes, revoltas, cerradas, de pinhão bravo, com maribondos a zumbir, enxameando, onde se vinham acoitar, fugindo à ardência do sol, sabiás-côcas, vadias, vindas dos tabuleiros viçosos e das várzeas amenas de além das dunas a brincar pelas praias. E ali, saltitantes de ramo em ramo, inquietas, volúveis, desferiam o canto alegre e doce.

Perto do mar, à sombra de uma latada de palhas de coqueiro, sentados em grossos paus de piúba, descascados a gume de enxó, em retorcidas raízes de timbaúba clara ou em tauaços de sobressalente, palestravam alguns pescadores, entremeando a conversa vagarosa, indolente, trôpega, arrastada, de largas baforadas do fumo acre dos cachimbos atochados, que se adensava sob o teto e depois,

ao vento, desfazia-se, farandolando e espiralando no ar. Um coçava o queixo, sorria, recordava uma pescaria feliz, abundantíssima, na risca, de onde havia voltado com os companheiros alegremente, vela panda, enfunada ao sopro rijo e brusco de um nordeste vespéral, desembarcando a gritar às mulheres que os samburás vinham atufados, socados a não mais caber de peixes magníficos que reluziam.

Todos os olhos se prendiam no narrador, cúpidos, quase ansiosos. Ninguém dava palavra e ele alargava os braços:

— Quanto cação, meu Deus! E cavalas, e cangulos da risca, e doirados das “trinta e três”, e biquaras, bonitos, pargos, garoupas, siobas, meros, mariquitas vermelhas!

A voz lenta emborcava, despejava cestos cheios de peixe... Mas logo outro, imprevisivelmente, obedecendo sem sentir às tendências de tristeza da raça, atalhava aquela passageira expansão de alegria, como se lhe incomodasse tudo o que não fosse triste, crepuscular, contemplativo.

— Lembravam-se, perguntava gravemente, de um crepúsculo rubro, ensangüentado, tão forte que o mar arroxeara, escurecera num dia de maio? Nessa tarde foram surpreendidos, ele e o Miguelinho, longe da costa, muito longe, talvez na altura de Fortaleza, porque à noite viram bocejar um farol para o sul, que devia ser o de Mucuripe; foram surpreendidos por um bando de tubarões famintos. Um horror! A jangada era pequena, nem era jangada mesmo, era um “paquete”. Tinham sido obrigados a dar o peixe todo, atirando-o à fome terrível dos salteadores do mar. A cada balanço forte caíam no convés, arriscando-se a serem fisgados. Para escapar, treparam de cócoras ao banco da vela, agarrando-se ao mastro. O mar era cavado, mar de vagas grossas. E a cada onda que lambia o estrado da embarcação os tubarões passavam, rabanando. Às vezes, fugia a água e o esqualo debatia-se um momento, ferozmente, sobre os madeiros. Era uma desgraça se a jangada virasse! Felizmente não virou. O Miguelinho lembrara-se da padroeira do Mucuripe. Prometeram velas e terços a Nossa Senhora da Saúde.⁴ Ao quebrar das barras o mar abrandou e os tubarões foram embora.

O pescador não fazia um gesto, contava calmamente aquela noite de horrores. Todos deixavam pender a cabeça à evocação dos perigos de sua vida rude. Limpou uma lágrima ao canto dos olhos:

— Pobre Miguelinho, filho único da Tia Chica Caiçara e meu velho companheiro de pescarias afoitas! Morreu, vocês devem-se lembrar, noite de S. João, já lá se vão quatro anos, dum “ar do

⁴ Ainda hoje, Nossa Senhora da Saúde é honrada pela vasta população de Mucuripe, integrado ao complexo da chamada Grande Fortaleza.

vento”⁶ que o pegou bebendo aluá frio depois de dançar muito e de atravessar a fogueira três vezes.

Assim iam os jangadeiros conversando, graves, dormentes como índios discutindo uma declaração de guerra, preferindo por uma tara etnográfica, uma predisposição atávica, a narração triste dos naufrágios, das arribadas, das fomes em alto mar, à alegre história de uma pescaria de bijupirás, em que tornassem as jangadas ao porto, roçando velozes o cabeço espumante das vagas, com galhardetes vermelhos tremulando no ar acinzentado da tarde...

Numa volta da costa, mais adiante, onde as ondas remansavam de encontro a um espigão de areia orlado de arrecifes, depois de o lavarem por cima, banhavam-se meninos em gritaria, a jogar cambapé e brincar galinha-cheia.

— Galinha-cheia!

— Cheia!

Era um alto, esguio, avermelhado ao sol, com penugens de oiro pelo corpo em fora, que berrava, uma pedra na mão:

— Galinha-cheia!

E o coro, dez ou doze, um muito alvo, quase todos cor de cobre sujo, um muito preto, retinto, respondia:

— Cheia!

A pedra era atirada nágua, bem longe. Todos mergulhavam; iam buscá-la ao fundo de areia limpa. E o que voltava com ela na mão tornava triunfalmente:

— Galinha-cheia!

Quase à orla do mar, junto a um bote adernado, uns velhos teciam tarrafas, sentados; outros desenrolavam poitas de escotas e de tauaças, “corregendo” as falhas. Eram trabalhos leves, para divertir.

Piavam areais a fora maçaricos velozes, de canelas finíssimas. Longe voejavam gaivotas. E o mar vinha, espreguiçando-se, soluçar na praia o ritmo triste e pausado duma canção de pescadores...

Dirigia-se à fila de jangadas em descanso, tapinambaba, bicheira e quimanga às costas, cabaça a tiracolo, vestido de algodão grosso, que a tinta do murici fizera cor de couro, jovem e forte jangadeiro. Ao passar pela latada saudou os que palestravam:

— Bom dia!

— Bom dia, Lucas, responderam e ficaram a cochichar, espantados que levasse às costas os trens de pescaria. Era dia santo. Onde ia assim? Levantaram-se curiosos e seguiram-no dispersos à distância.

⁶ Entre as chamadas *abusões* das populações simplórias do Nordeste havia a de que apanhar o ar frio após banho quente ou com o corpo agitado redundava sempre em congestão, ou paralisação de movimentos, quando não embotamento cerebral e morte.

O Lucas passou pelos velhos:

— Bom dia!

Um ergueu-se. Chamou-o. Aproximou-se. O velho bateu o cachimbo na carena do bote e perguntou com vagar, paternalmente:

— Onde vais, Lucas?

— Onde vou? Vou pescar!

O tom de voz era de quem estranhava que se admirassem de seu proceder, e de quem, selvagem e rude, não gostava de conselhos.

— Pescar hoje! dia santo! dia de finados! exclamou o velho, esbugalhando os olhos ante aquela ação, que no seu sincero fanatismo religioso achava ser uma monstruosidade, um pecado mortal, um verdadeiro atentado contra as leis divinas que regulam o trabalho do homem. E os outros velhos, deixando as poitas e tarrafas, levantando-se, e os que vinham da latada, já em círculo, cheios de espanto:

— Pescar hoje! dia de finados!

Alguns benzeram-se, resmungando. O velho acrescentou:

— Não vás, Lucas: pode te acontecer uma! Domingos e dias santos ninguém trabalha, mormente no mar. Quando a gente já está na pescaria e não tem vento para voltar, não faz mal. Não se tem outro jeito. Nosso Senhor já sabe por que é. Mas ir de propósito! Não faça isto, meu filho! — Relembrou castigos sofridos por pescadores em casos semelhantes, no Mundaú, no Pecém, na barra do Curu e do Timonha. Calou-se um segundo e depois prosseguiu:

— Há gente que não acredita nessas cousas. É mau! Eu de primeiro pensava que quem matasse um gato nada sofresse. Matei um, uma feita, o gato mourisco do Zé Bento, que me roubava o peixe salgado do girau. Matei de tiro! Atrasei sete anos. Nesse tempo, todo o santo dia apanhava mar e vento, não pescava que prestasse. Andava sempre com a jangada em conserto, perdia a quimanga, furava-se o barril de água, as poitas novas partiam-se nos caçadores e o tauaçu ia ao fundo... Essas coisas são verdadeiras. Se não fossem, os mais velhos não contavam. Quem vai pescar dia de finados sujeita-se a não voltar e morrer de assombração no mar, noite escura, vendo o cruzeiro do céu virar-se em duas canelas de defunto; ou a voltar como há muito tempo o João Cangulo, que, ao chegar perto de terra, meteu as mãos no samburá para contar os peixes e só tirou osso de defunto! Ficou maluco até a morte...

O Lucas mordia e remordia os beiços, cabeça baixa, calado. Sentia-se alvo de todos os olhares, pesava-lhe a curiosidade de toda aquela gente. Por isso mesmo teve vergonha de recuar. Achariam que tinha feito bem, mas nas vendas, entre dois copos de cachaça, à boca pequena, iriam dizer que era covarde. Bem lhes conhecia a

malevolência inata. Dissera que ia pescar, ia mesmo, desse no que desse! Não respondeu, limitou-se a encolher os ombros com desprezo. Depois passou um olhar triste e desdenhoso em torno. Partiu. O círculo de pescadores mais se estreitou, zumbindo comentários:

— Dia das almas, dia tão grande! É maluco, maluco! Ora, já se viu que coragem de homem! Com o mar ninguém brinca!

— Com o mar ninguém brinca! — rosnaram todos, soturnos e entrados do pavor do velho oceano feroz, impenetrável, ao qual disputavam a vida desde o berço.

O Lucas marchava para a praia. Ia resmungando, com raiva. Que tinham os outros que se meter com sua vida? Comia porventura à custa deles? Cria lá em abusões? Tinha vontade e precisão de ir pescar, ia. O dia estava lindo, céu azul, mar verde. Que lhe importavam credices? Acreditavam os outros, ele não.

— Ele não?

O fundo supersticioso da raça acordava. Quem sabe se não era verdade, verdade como a história do gato e o assombramento dos ossos de defunto? Sempre ouvira dizer que os velhos não mentiam. Mas o fatalismo e a vergonha de recuar venciam tudo. Ia, o que tivesse de acontecer aconteceria. Não havia esquivança que servisse. Era um horror também ficar no povoado. Após a missa, tinha que ir para casa, onde não havia uma carícia de mulher. Não tinha mãe, nem possuía esposa. Em casa, só, deitava-se na rede, a preguiçar, olhando as jangadas pousadas na praia. Não estava para isso. Se fosse domingo, vá lá. O Raimundo Nonato fazia um joguinho de três-sete ou víspera, na venda. Mas dia de finados, todo o mundo se recolhia, nem fumo tinha onde ir comprar. Uma maçada!

Chegou à praia, preparou o “pacote”, abriu a vela triangular, empurrou-o sobre os dois rolos até as espumas; fê-lo boiar; depois voltou e trouxe os rolos para fora do alcance da maré cheia. Foi empurrando a jangadinha de encontro às vagas. A uma certa distância da costa, quando a água lhe passava da cintura, saltou nela, sentou-se no banco do governo, empunhou o leme largo, metendo-o no macho, retesou a escota, enrolando-a nos espeques, pôs a cuia de atirar água na vela ao alcance da mão. Fez-se ao largo.

O velho disse alto entre os pescadores:

— Até parece herege ou nova-seita, credo!

E no espigão dos arrecifes os meninos que já enfiavam as roupas fora do banho, ainda semi-nus, úmidos, reluzindo ao sol, erguendo-se nas pontas dos pés, mãos em concha na boca, só por vê-lo partir, sem saberem de nada, bradaram:

— Maluco! Maluco!

O Lucas ouviu. Teve um gesto brusco, de enfado. Sacudiu água na vela, com força, raivoso, para que o pano molhado, encorpando-

se, pegasse mais vento. Puxou-a ligeira, prendeu-a à forquilha, arqueando o mastro, de maneira a inchar mais o seio branco da vela. A jangada voava. E a cada sopro mais rijo do terral a escota forte, retesada, fazia a retranca gemer longamente no atrito forte da boca de lobo. Na frente espadavam espumas...

O sino da igrejinha badalou uma chamada triste de missa. Os jangadeiros foram deixando a praia, pausadamente, caminho do povoado. De quando a quando um se voltava. Na serenidade longínqua do azul a vela se apagava aos poucos: e por sobre todo o mar o oiro do sol faiscava...

Passou o dia. Veio o crepúsculo. Chegou a noite. A jangada não voltou. Debalde, durante a tarde toda os pescadores, deitados pela areia, haviam interrogado o horizonte impassível. Ao escurecer recolheram-se tristes. Amontoavam-se nuvens pesadas ao norte. Num cúmulus branco, faiscante, laivado de oiro, fimbado do rubro, havia como que trepidações, brilhos rápidos, clarões fugazes, elétricos. Ia desencadear-se uma tormenta.

Noite já, ela caiu com um nordeste feroz, convulsionando o oceano. Relâmpagos, trovões, raios, zigiguezagueando na escuridão, frondes de coqueiros gemendo, telhados de casas arrancados, gritos de homens, longos, vastos, sinistros rugidos do velho mar!

No dia seguinte pela manhã o céu era puro e límpido, muito azul e muito alto. Jangadas caídas de lado, fora dos rolos, colmados de choças que os pescadores repunham, areias recavadas, eram os únicos restos da fúria da tempestade.

Longe da pôvoa,⁶ numa volta brusca da costa, coberta de arrecifes pequenos, dispersos, os jangadeiros encontraram restos de uma jangada e no meio deles, espetado em pontas finas de rochas lodentas, o cadáver do Lucas.

Trouxeram-no ao povoado. O vigário não consentiu que o enterrassem no "sagrado". Sepultaram-no ao pé das dunas, em frente ao mar que o assassinara, disse o cura, por castigá-lo da heresia...

E desde então, quando o luar prateia a praia branca do Mundaú, um vulto de homem surge das dunas, marcha para a costa e, trepado em um rochedo, fita o mar, longamente, gemendo.

Quem passar pela praia de viagem, em passeio, de anzol em punho para pescar bagres nas pedras, ou de tarrafa para pescar carapicus no espreguiçar das vagas, não pare nem olhe para trás — reze um padre-nosso e uma ave-maria por aquela pobre alma penada.

⁶ G.B., evidentemente, no caso desta palavra, fez cortesia ao falar luso...